



Ode a Menachem Perry

Raquel Teles Yehezkel*

Na cozinha de minha casa,
a história dele penetra a minha
como um raio que sai do rádio.

A voz entrecortada,
revela uma alma sensível,
machucada pela vida.
Ainda assim, a voz insiste
em contar sua história,
e, eu, abro a minha alma
para encontrar a dele
e a daqueles que se perderam
nesse tempo sombrio.

Uma vela acesa
lembra-me que dia é hoje,
e conduz-me aos tempos de outrora,
um tempo que não vivi,
mas que carrego em mim.

Um menino junto ao rádio,
escuta, atento, um programa dos anos 50,
e anota, todos os dias,
os nomes daqueles que procuram pela família
após o fim da Guerra.
Talvez tenha a grande sorte de ouvir, quem sabe,
o nome de um dos irmãos que se perderam.
Filhos do pai, filhos da mãe,
que ele, Menachem Mendel -
em Eretz Israel, apenas, Menachem Perry -
jamais chegará a conhecer.
Filhos de um tempo em que
ele ainda não existia.
Na decepção dos nomes não ditos,
o pequeno Menachem
menachêm (consola) os pobres pais.

Todos têm um nome,
mas, do bebê de sua mãe, nada restou,
nem mesmo o nome se sabe,
impronunciável que era.
A mãe já não está
e não há mais ninguém para lembrar.
Ninguém!



Nome, talvez, indizível
devido a dor que contém.

O menino cresceu -
ouço sua voz vinda do rádio -,
foi a Auschwitz e a Birkenau
colher, com as próprias mãos,
um pouco da terra daquele lugar,
única coisa que deles restou.
E com essa terra, o homem-menino-Menachem
enterrou seus irmãos em Eretz Israel,
em solo que nunca chegaram a pisar.

Da terra suja de sangue,
gritos saem de dentro das covas.
Vozes do passado sussurram histórias
que não querem calar,
de almas inocentes ultrajadas, humilhadas,
pisadas e soterradas.
Aqueles que se foram
não ouvirão Menachem Mendel chorar,
tampouco o ouvirão dizer que os ama
e que não os esquece,
mesmo não os tendo visto jamais.

A voz do homem-menino se cala,
já não ouvimos seu lamento.
Pisando o chão no qual pode ser livre,
com o sol a pino, pouco acima da linha do Equador,
observa, além, o mar Mediterrâneo.
É Primavera; 12h do dia 19 de abril de 2012, Yom HaShoá,
hora da Voz de Israel na Reshet Gimel.

* **Raquel Teles Yehezkel** é Graduada em Letras e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.